

Patrimônio histórico edificado dos caminhos das tropas na região do Extremo Sul catarinense

Historical Heritage Building of the Troops' Paths in the Region of the Extreme South of Santa Catarina

Juliano Bitencourt Campos¹
Edson Zilli²
Carlos dos Passos Paulo Matias³
Marcos César Pereira Santos⁴
Paola Vieira da Silveira⁵
Nilzo Ivo Ladwig⁶

DOI: 10.19177/memorare.v7e22020199-215

Resumo: O artigo busca evidenciar os caminhos utilizados pelos tropeiros entre os séculos XVII e XX em 25 municípios localizados na região do extremo sul catarinense, por meio do registro de bens materiais relacionados à atividade tropeirista. Foi utilizado levantamento documental e bibliográfico pertinente ao tema bem como entrevistas e visita na área de estudo no intuito de coletar e registrar informações nas instituições municipais. Elementos do patrimônio construído foram registrados em 6 municípios, além de relatos de rotas de passagem no território. Os resultados possibilitaram perceber que o movimento tropeirista foi importante para o povoamento da região sul, além de contribuir para a integração entre as regiões.

Palavras-chave: História. Território. Patrimônio Cultural.

Abstract: The article seeks to highlight the paths used by drovers between the seventeenth and twentieth centuries in 25 municipalities in the extreme south of Santa Catarina, through the registration of material goods related to the activities. It was used documentary and bibliographic survey pertinent to the theme, as well as interviews and visit in the study area in order to collect and record information in the municipal institutions. Elements of the built heritage were recorded in 6 municipalities, as well as reports of passage routes in the territory. The results made it possible to realize that the movement of the drovers was important for the settlement of the southern region, as well as contributing to the integration between the regions and the spread of crops.

Keywords: History. Territory. Cultural heritage.

¹Doutor em Arqueologia. Professor do Programa de Pós-Graduação em Ciências Ambientais – PPGCA da Universidade do Extremo Sul Catarinense – Unesc. Pesquisador do Laboratório de Arqueologia Pedro Ignácio Schmitz – Lapis. E-mail: jbi@unesc.net.

²Historiador. Universidade do Extremo Sul Catarinense – Unesc. E-mail: zilli.edson@hotmail.com.

³Historiador. Mestre em Educação pela Universidade do Extremo Sul Catarinense – Unesc. E-mail: prof.matias.carlos@gmail.com.

⁴Doutor em Arqueologia. Pesquisador associado do Núcleo de estudos Paleoambientais – Nepa da Universidade Estadual do Oeste do Paraná – Unioeste e do Laboratório de Arqueologia Pedro Ignácio Schmitz –Lapis da Universidade do Extremo Sul Catarinense – Unesc. E-mail: marcoscesar.arqueologia@gmail.com.

⁵Historiadora. Mestra em Ciências Ambientais no Programa de Pós-Graduação em Ciências Ambientais – PPGCA da Universidade do Extremo Sul Catarinense – Unesc. Pesquisadora do Laboratório de Arqueologia Pedro Ignácio Schmitz – Lapis. E-mail: vieirapaola@gmail.com.

⁶Doutor em Engenharia Civil. Professor do Programa de Pós-Graduação em Ciências Ambientais – PPGCA da Universidade do Extremo Sul Catarinense – Unesc. E-mail: ladwig@unesc.net.

1 Introdução

A sociedade moderna supervaloriza o novo, o tecnológico em detrimento do antigo. Uma postura que apaga sua história negligenciando os bens culturais, entoando que o moderno é superior às estruturas históricas. Do passado ficam alguns fragmentos, alguns saberes, algumas construções, e assim evidencia, seguindo a perspectiva de modernidade de Berman (1986), que o processo de modernização gera uma era moderna sem contato com suas raízes. Tal fato não é benéfico, pois pode trazer consequências desastrosas para um estado de direito no qual os cidadãos sem identidade ou sem memória, podem ter dificuldades para compreender o papel do estado e não ver no ato político a preservação e valorização do patrimônio histórico, por exemplo, como ações importantes de direitos e deveres de uma sociedade digna. Como ressalta Bauman:

Sem direitos sociais para todos, um número amplo e provavelmente crescente de pessoas irá considerar seus direitos políticos de pouca utilidade e indignos de atenção. Se os direitos políticos são necessários para que se estabeleçam os direitos sociais, estes são indispensáveis para que os direitos políticos se tornem reais e se mantenham em operação. (BAUMAN, 2013, p. 22)

Para Berman (1986), o ato de lembrar é capaz de levar a sociedade moderna de volta às suas raízes, para apropriar-se das modernidades de ontem. Neste sentido, o patrimônio cultural é uma importante ferramenta, e sua salvaguarda garante a memória e o registro de outros momentos da história.

O autor ressalta ainda que para identificar as mudanças advindas da modernidade a primeira coisa que analisamos é a paisagem (BERMAN, 1986). Ao observar uma cidade, por exemplo, é por meio do patrimônio material edificado que será possível contrastar o moderno e o histórico. Assim, identificar nos modernismos do passado as nossas próprias raízes modernas, pontua Berman (1986).

Zilli et al. (2016) aponta para o crescente número de cidades que buscam afirmar sua identidade e repertório patrimonial. Podemos associar tal fato às crescentes discussões acerca do patrimônio cultural que vem sendo feitas no contingente de pesquisas em história local e regional, espacialidades frequentes em trabalhos acadêmicos.

É neste contexto, de conhecer as raízes e dar visibilidade ao patrimônio cultural, que objetivamos apresentar neste texto os bens culturais, identificados nas paisagens rotineiras do sul catarinense, referentes à atividade tropeirista que perdurou durante o século XVII ao início do século XX.

A legislação sobre patrimônio cultural é considerável, no entanto, Zilli et al. (2016) aponta para falta de pesquisas que contemplem o movimento tropeiro na região, considerando que as cidades localizadas na região sul catarinense foram importantes rotas para este movimento. Neste sentido, a pesquisa tem como objetivo apresentar o registro de bens materiais relacionados à atividade tropeirista.

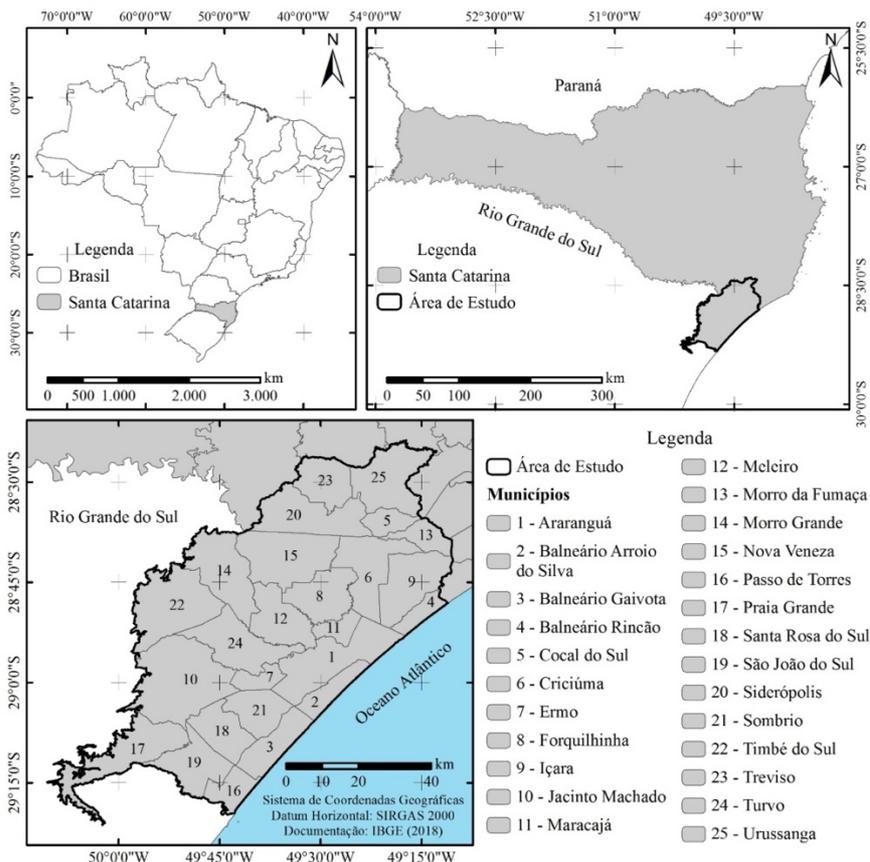
O artigo está dividido em duas seções: a primeira contextualizando a região e o movimento tropeiro, e a segunda registrando o patrimônio

histórico edificado remanescente deste movimento, encontrado em municípios da região sul de Santa Catarina.

2 O tropeirismo na região Sul Catarinense

A pesquisa foi realizada na mesorregião Sul Catarinense, abrangendo municípios das microrregiões de Araranguá e Criciúma, compreendendo um polígono de estudo que é objeto de um amplo projeto interdisciplinar intitulado “Arqueologia entre Rios: do Urussanga ao Mampituba” (Figura 1).

Figura 1: Localização da área de estudo



Fonte: Do autor

Os municípios que constituem a área de estudo são: Urussanga, Içara, Araranguá, Maracajá, Jacinto Machado, Arroio do Silva, Turvo, Balneário Gaivota, Nova Veneza, Criciúma, Treviso, Sombrio, Ermo, Meleiro, Morro da Fumaça, Praia Grande, Siderópolis, Timbê do Sul, São João do Sul, Passo de Torres, Santa Rosa do Sul, Forquilha, Morro Grande, Cocal do Sul e Balneário Rincão (CAMPOS et al., 2013).

Os municípios que fazem parte deste território tiveram seu processo de colonização ligado direta ou indiretamente ao tropeirismo. Seja com povoados surgindo espontaneamente nos caminhos abertos pelos tropeiros, ou com famílias se descolando para a rota dos tropeiros a fim de instalar casas de comércio. O fluxo das tropas foi fundamental para o povoamento pois, em função dessa atividade vilas e cidades foram se formando.

O gado vindo do Sul tinha seu principal mercado na região de extração de ouro em Minas Gerais. Para atender a demanda de carne,

“foram abertos caminhos pelo interior ligando o Sul até São Paulo, e por esses caminhos foram nascendo vilas e cidades onde o gado era comercializado. Foi assim, que surgiu o tropeiro, individuo responsável pelo transporte do gado que abastecia as ricas Minas Gerais”. (ZILLI et al., 2016, p. 104).

Almeida (1971) explicita que a palavra tropa pode ser entendida como um rebanho ou uma multidão, neste sentido as pessoas que levavam as “tropas” passaram a ser conhecidas como Tropeiros. Seja seguindo a rota dos bandeirantes, utilizando trilhas feitas pelos povos indígenas ou engendrando seu próprio caminho. O movimento tropeiro é enfatizado por Zilli et al. (2016) como elemento importante na integração regional.

Neste sentido, a área de estudo enfoque desta pesquisa apresenta um contingente de bens culturais deste período que são, em parte, responsáveis pela identidade da região. Esta atividade mercantil possibilitou o transporte não só de mercadorias, mas também de ideias e culturas. Sua herança está para além do desenvolvimento socioeconômico-espacial, pois contribuiu com um arcabouço de patrimônios imateriais e materiais.

Objetivando dar visibilidade aos caminhos dos tropeiros nos municípios que compreendem a área de estudo buscamos identificar vestígios materiais desse período, priorizando os bens edificados. Dos vinte e cinco municípios onde a pesquisa foi realizada, alguns se destacaram na quantidade de bens encontrados, mas isso não limita a importância dos demais municípios como rotas de passagem.

3 O patrimônio histórico edificado remanescente da atividade tropeira

Afinal, quantos sentidos podem abarcar um caminho? Mais do que uma linha no território, caminhos são trajetos de deslocamento de fluxos variados, pessoas, animais e mercadorias, e assim se estabelece não só no espaço, mas também no tempo. Sempre que se “abre um caminho”, é possível que nesse percurso tenha uma transformação de suas relações sociais, econômicas e paisagísticas.

Na área estudada, vários aspectos foram identificados como remanescentes do tropeirismo, movimento este que influenciou na formação de algumas das principais estradas que ligam o litoral com os campos de Cima da Serra, como na formação de alguns dos municípios da região do Extremo Sul Catarinense. Inicialmente, foram registrados vinte e três patrimônios culturais relacionados à atividade tropeira⁷, sendo eles: caminhos e trilhas – estes podem ser considerados a principal herança dos tropeiros visto que a partir deles iniciou-se o processo de povoamento que gerou os demais bens mapeados. Além de servirem de base para as estradas atuais – casas de comércio, campos de pouso, taipas e bens de caráter religioso.

Aqui, como já mencionado, serão apontados os bens patrimoniais edificados, compreendidos por aqueles que, dentro da categoria de vestígios materiais, possuem caráter arquitetônico. A literatura e as entrevistas indicaram muitos patrimônios culturais relacionados à atividade tropeira, por vezes já deteriorados ou demolidos. Poucos,

⁷Para conferir os 23 bens mapeados visitar Zilli (2014).

estão em bom estado de conservação. Desta forma, aqui serão apontados quatorze bens de interesse histórico e patrimonial que foram apontados pelas comunidades locais como pontos estratégicos para os tropeiros, eles estão distribuídos em seis municípios.

3.1 Município de Araranguá

Provavelmente, os primeiros assentamentos de Laguna aos Campos de Cima da Serra tenham mesmo ocorrido não muito tempo após a abertura do histórico Caminho dos Conventos. Tudo começa por volta de 1728, quando teve início esse processo. Fator este decisivo para a formação do município de Araranguá.

O Sargento-Mor Francisco de Souza Faria foi o principal nome e responsável pela abertura do Caminho dos Conventos. Eis um relato que descreve com riqueza de detalhes este que é considerado um marco na história de Santa Catarina.

[...] Saindo da Laguna marchei com toda a tropa pela praia a buscar o rio Araranguá, e nele o sítio a que chamam os Conventos, distante da Laguna, e ao sul dela pouco mais de 15 léguas. Neste sítio, em 11 de fevereiro de 1728, dei princípio ao caminho rompendo mato fechado, e dando a pouco mais duma légua com um pântano, que teria meia légua de largo, em que foi possível fazer-lhe uma boa estiva para podermos passar; passando ele, dei quase a meia légua com um grande ribeirão que deságua no Araranguá, que se chama Cangicaçu, e como não dava vou lhe fiz uma boa ponte de 12 braças e meia de comprimento e braça e meia de largo. Entre os morros achei um espigão por onde subi com toda a tropa depois de 11 meses de contínuo trabalho, fazendo o caminho atalho aberto, e é o único por onde se pode subir a serra. Desde os conventos até o sítio que terão 23 léguas tudo são matos, e terras alagadiças [...]. Subida a serra dei logo em campos e pastos admiráveis e neles imensidade de gado, tirados das campanhas da nova colônia, e lançados naqueles sítios pelos Tapes das aldeias dos padres jesuítas no ano 1712 [...] (HOBOLD, 2005, p. 72-73).

Alexandre Rocha, historiador de Araranguá, entrevistado no dia 11 de setembro de 2014, relata em um de seus trabalhos destacando o novo caminho que entrava no costumeiro uso dos viajantes tropeiros, esse que impulsionava o desenvolvimento da região Sul.

Com a tímida, mas crescente movimentação, o lugar aos poucos foi se transformando também em pouso e ponto de espera. Surgiam assim às primeiras paradas fixas e os pontos de referência dessas passagens ficavam cada vez mais conhecidos. Pequenos negócios começavam prestando serviços que atendessem aos fregueses da tropearia, com eles, obviamente os primeiros moradores da povoação que um dia seria Araranguá.

Na localidade de Cangicas, um destes importantes moradores e comerciantes foi João Bento de Souza. O comércio de João Bento de Souza certamente foi de extrema importância para o tropeirismo, situava-se num lugar estratégico que atendia tanto as tropas quanto negociantes vindos de navios e barcos. Visitando o local percebemos que o antigo armazém ficava as margens do rio Araranguá, na localidade de Cangicas, atual Hercílio Luz (Figura 2).

Figura 2: Ruínas da casa comercial Família Souza



Fonte: Alex Rocha, sem ano.

Atualmente, registra-se no local deste antigo comércio uma residência. O contato com o atual proprietário não foi possível.

3.2 Município de Jacinto Machado

Em Jacinto Machado encontramos trilhas de tropeiros que ligam o município aos Campos de Cima da Serra e que datam de aproximadamente 200 anos. Uma delas é conhecida por trilha da Serra da Pedra. Esta trilha começa na localidade de Costão da Pedra, na propriedade de Zelindo Ronsani, pode ser feita a pé apesar de muitas pessoas da localidade ainda utilizar cavalos para subir o caminho. Zelindo, em entrevista concedida em 16 de setembro de 2014, indica que o antigo caminho dos tropeiros passava pelo alto da Serra da Pedra, mas esse caminho, em certos pontos, já está se desfazendo, ficando mais evidentes caminhos denominados de “Fundo Grande” e “Tigre Preto”. Na propriedade de Zelindo encontramos muitos metros de Taipas (Figura 3), segundo ele, aproximadamente 1.000 metros ao longo de seu terreno, que fica ao pé a Serra da Pedra. Algumas feitas especialmente para assegurar às tropas, seja ela de gado ou porco.

Figura 3: Taipas na propriedade de Zelindo Ronsani



Fonte: Do Autor, 2014

Segundo relato de moradores, o nome “Serra da Pedra” dada à região que hoje compreende as localidades de Serra da Pedra, Costão da Pedra e Tigre Preto, certamente vem da existência na época dos tropeiros, de uma grande rocha que abrigava os viajantes que passavam as noites no percurso de suas viagens.

Segundo Hobold (2005), no início da colonização os pioneiros a partir da foz do Rio Araranguá, foram adentrando a floresta, desmatando para os primeiros cultivos da terra formando vilas como Capão da Espera (Araranguá), Volta Grande (Jacinto Machado) entre outras. Seguindo o curso do Rio da Pedra, foi aberto o primeiro caminho que permitiria a transposição do degrau de até mil metros de altura da Serra Geral, seguindo originalmente trilha indígena, conhecida como Serra da Pedra ou Caminho dos Conventos. Tornou-se a principal rota de comércio do sul do Brasil, ligando o litoral com o planalto serrano até São Paulo.

Na localidade também foram encontrados registros de casas comerciais que são remanescentes do período em que comerciantes locais realizavam transações com tropeiros que desciam a Serra da Pedra e a Serra do Fundo Grande utilizadas como ponto de passagem destes tropeiros que seguiam para o litoral ou outras localidades, como a casa de Florindo Soretto a seguir (Figura 4).

Figura 4: Casa de Florindo Soretto



Fonte: Enio Frassetto, sem ano.

Localizada hoje na principal estrada que dá acesso para as Serras da Pedra e Fundo Grande, encontra-se a residência de Florindo Soretto, uma casa comercial que vivenciou a prática de troca de mercadorias, sendo muito utilizada nesta região. Atualmente, essa residência não existe mais, o local está desocupado. Percebemos que a antiga residência tinha um grande pátio. Relatos da comunidade indicaram que além de casa comercial o local também oferecia possibilidade para pouso dos tropeiros e suas tropas.

A casa comercial de Angelo Frassetto é outro bem edificado do movimento tropeiro em Jacinto Machado. Segundo Enio Frassetto, neto do proprietário, em entrevista concedida no dia 20 de setembro de 2014. Relata que em tempos remotos não existiam estradas trafegáveis, o transporte era feito nos lombos das mulas e carros de boi. O tropeiro foi um grande responsável pela chegada de mercadorias vindas dos Campos de Cima da Serra para toda essa região mais ao litoral, como também voltavam abastecidos com produtos que comercializavam aqui. A casa de seu avô foi um local que realizava comércio com tropeiros.

A casa encontra-se em bom estado de conservação e, como podemos perceber pela imagem (figura 5), não deixou de servir ao comércio, essa resistindo ao longo dos anos às mudanças ocorridas em toda a região.

Figura 5: Casa comercial de Angelo Frassetto



Fonte: Enio Frassetto, 2014.

A última edificação que a pesquisa nos apontou estar ligada ao tropeirismo em Jacinto Machado é a casa de Juvenal Cardoso (Figura 6), segundo Enio, também foi um local de comércio com tropeiros. Apesar de suas características arquitetônicas apontarem para uma casa residencial, nada impede que seu uso tenha servido para outros fins. Estas casas de comércio são próximas, suas localizações são capazes de nortear as rotas em que os tropeiros seguiram, demonstrando as intensas passagens pela região.

Figura 6: Casa de Juvenal Cardoso



Fonte: Enio Frassetto, 2014.

3.3 Município de Morro Grande

Em Morro Grande foram importantes as contribuições de Valmir e Edénir Sasso; Pedro Evilázio de Oliveira, tropeiro serrano com 73 anos; Hilário Dal Toé, também tropeiro, com 83 anos. Entretanto, a entrevista de Miguel Sasso, em dezembro de 1986, cedida ao Padre João Leonir Dall'Alba (1997), no livro "Histórias do Grande Araranguá", possibilitou reforçarmos as entrevistas que confirmam o município de Morro Grande como uma das rotas mais utilizadas pelos tropeiros, principalmente por utilizar de vias em que era possível desviar de pontos que realizavam fiscalizações e cobranças de impostos sobre produtos entre outros que chegavam do estado do Rio Grande do Sul.

Segundo entrevista realizada com Valmir Sasso, em setembro de 2014, pela região passavam muitos tropeiros que desciam a Serra do Pilão. As outras serras mais conhecidas, como a Serra do Faxinal, possuíam pontos de fiscalização; então vinham pelo Pilão e

comercializavam de tudo com seu pai (Miguel Sasso) que tinha um grande armazém.

No município de Morro Grande, mais precisamente em Nova Roma, encontra-se o antigo armazém que pertenceu a Miguel Sasso (figura 7), único comerciante do local. Atualmente localizado na principal rodovia que liga Morro Grande às localidades das regiões costeiras das Serras e via Timbé do Sul. Foi sem dúvida um dos locais de grande comércio, pois havia em sua propriedade grande potencial de abastecimento das tropas que desciam pela Serra do Pilão como também abrigava os tropeiros que por ali comercializavam.

Figura 7: Casa de comércio Sasso



Fonte: Do Autor, 2014.

Em Morro Chato, nas redondezas da casa de Sílvio Magnin, havia uma grande área com pastos que serviam como ponto de parada para os tropeiros, que vinham de Timbé. O local possuía fonte de água por ser margeado por um rio e segundo relatos de moradores, haviam serrarias, sapatarias e uma Casa de Banha que serviam de alguma maneira aos viajantes tropeiros. Atualmente encontramos ainda boa parte do terreno sem algum tipo de construção.

A Casa de Banha (Figura 8) sofreu algumas modificações em sua estrutura, mas está em ótimo estado de preservação, sendo utilizada como residência particular. Ainda na região de Morro Chato foram colhidas informações sobre nomes de pessoas que de certa forma foram importantes na localidade, como o farmacêutico caseiro Alberto Acordo, Mario Zatta, dono da Casa de Banha que possivelmente realizava comércio com tropeiros, Nicomar Sartori e Abeli Olivo. Esses moradores serviam com seus trabalhos aos tropeiros que por ali faziam suas rotas de passagem e parada.

Figura 8: Casa de Banha



Fonte: Do Autor, 2014.

Na localidade de Três Barras, foi entrevistado, em setembro de 2014, o tropeiro Serrano Pedro Evilázio Oliveira, de 79 anos. Neste mesmo dia, já no centro de Morro Grande, outra entrevista foi realizada com Hilário Dal Toé, também tropeiro, com 83 anos. Ambas as entrevistas reforçam a importância do tropeirismo para o desenvolvimento da região e o abastecimento de mercadorias para serranos e moradores.

Pedro Evilázio relata que por muito tempo morou nos Campos de Cima da Serra, transportava tropas de gado, de muar, queijo, charque para as regiões abaixo da serra e levava os produtos que precisavam que nessas localidades eram produzidos. Muitas foram as viagens pela Serra do Pilão em que sua família, por diversas vezes, o acompanhava nessas viagens. Segundo seu Pedro, dentro dos muros de taipas eram postos os animais que seriam carregados com as bruacas que serviam de carga para carregamento de produtos.

Hilário Dal Toé comenta que os tropeiros passavam muito por Morro Grande. Hilário também foi tropeiro e transportou muito gado para cima da serra. Na volta dessas viagens trazia produtos para o consumo familiar. Há algum tempo atrás se faziam esses trajetos transportando gado. Hoje, devido aos meios modernos de transporte, não é mais interessante nem lucrativo para ambas as partes esse movimento, complementa seu Hilário.

3.4 Município de Praia Grande

No Trabalho de Conclusão de Curso de Renata Corvino, “A Influência do Tropeirismo na Formação de Praia Grande”, encontramos referências que relatam como o tropeirismo teve papel fundamental para a formação deste município. Visitando o município encontramos locais de memória e bens materiais edificados do período em que um forte comércio e uma rota fluente de passagem se fizeram presente na localidade de Praia Grande e região.

Segundo Corvino (2005), Praia Grande teve influência tropeira direta ou indiretamente sendo muito antiga a integração regional do Caminho das Tropas entre o Rio Grande do Sul e Santa Catarina, entre as serras e o litoral desses estados. A autora aponta que para Ruschel (2004), em episódio da Guerra dos Farrapos, denominado de “Revolução sobre a Serra”, verificamos que uma das rotas, objeto de estudo, já teria sido utilizada pelas tropas de Bento Gonçalves: “[...]”

Tomaram a estrada do Faxinal e da beira do Mampituba, passaram o rio Verde e subiram a serra na Picada do Cavalinho, hoje substituída pela rodovia que vai de Praia Grande para o planalto” (RUSCHEL apud CORVINO, 2005).

As relações comerciais realizadas no início do século XIX possibilitam o estudo sobre influência na formação deste município. Portanto, a atividade tropeira ganha destaque e o tropeirismo é entendido aqui por:

[...] fenômeno mundial, que apareceu na época em que o principal meio para vencer as distâncias era tração animal. A atividade tropeira pertence à época das trilhas em lugar de estradas, quando os rios eram vadeados nos passos e a produção dos agricultores precisava ser transportada rapidamente a distantes centros consumidores (CORVINO, 2005, p. 08).

Corvino (2005) descreve sobre a origem do nome do município de Praia Grande através dos fenômenos que com o passar dos séculos, devido às grandes enchentes, formava enormes despraiados de seixos rolados. Era a grande praia que os tropeiros avistavam quando subiam ou desciam a serra. O município está localizado no Extremo Sul de Santa Catarina, sob os pés da Serra Geral, na fronteira com o Estado do Rio Grande do Sul, num estreito apêndice que avançava pelo território deste estado.

Nas entrevistas realizadas com Suézia da Rosa Pereira (filha de Inácio José da Rosa e Ines Regotti da Rosa) e Eva Medeiros de Aguiar, 83 anos (esposa do tropeiro Alodio Silveira de Aguiar), muitos foram os relatos sobre o tropeirismo na região. Suézia comenta que o comércio era tão frequente e importante, que os comerciantes locais buscavam as tropas ainda no caminho para negociarem primeiro em seu estabelecimento. Procuravam se estabelecer nas proximidades da serra. Isso foi possível confirmar através dos registros encontrados de que estas casas comerciais realmente se encontravam próximas às entradas das serras e que houve trilhas que cortavam caminho para chegar à principal rota, sendo descritas por moradores da região.

Na localidade de Vila Rosa, onde se encontra a residência de dona Suézia, encontramos estas pedras (Figura 9) que são do período em que funcionava o comércio em um antigo galpão. Servia como calçada para não atolar a entrada do seu armazém. As pedras ainda estão sendo utilizadas como “tapete” de entrada de sua atual residência.

Figura 9: Calçada de pedra



Fonte: Do Autor, 2014.

Ao lado da calçada de pedra encontra-se uma pousada, que segundo Suézia, ocupou o lugar de um antigo galpão. Suézia, conta que o galpão media cerca de 16 metros por 34 metros, ali eram colocadas as mercadorias, aos fundos tinha um grande espaço para o gado. O galpão/armazém também foi ponto de parada dos tropeiros. Nesta pousada, aos fundos, é possível encontrarmos taipas do período em que os tropeiros deixavam o gado no campo para descanso e onde carregavam as bruacas das mulas com produtos que levariam para a Serra.

Pela estrada do Molha Coco, indo para Vila Rosa, encontramos as ruínas do prédio de Camilo Inácio (Figura 10). Hoje um pouco do que resta está esquecido ao meio de um bananal. Tentativas entre os órgãos municipais com o proprietário para preservação destas ruínas estão em andamento com intuito de garantir que essa parte da história do município não acabe sendo totalmente destruída. Percebemos que a técnica de sua construção contrasta com a grandiosidade do comércio com os tropeiros que por toda essa região se fazia presente.

Figura 10 – A casa Comercial de Camilo João Ignácio, na década de 1930 e Ruínas da Casa de Camilo, em 2004.



Fonte: Luiz Gonzaga Inácio, 2014.

Na localidade de Pintada encontramos uma grande casa comercial (Figura 11), conhecida também como “Secos e Molhados”, nome que se dava as mercearias em outros momentos da história, “secos: tecidos e molhados: alimentos”. Segundo Dona Diva, entrevistada em outubro de 2014, este comércio aconteceu primeiro na Vila Rosa e depois passou para esta casa, que além de comércio também serviu de pouso para os tropeiros. Dentro da residência havia uma escadinha que levava para parte de cima da casa, neste local havia camas. Tropeiros vinham da Serra do Faxinal e da Serra da Pedra Branca e encontravam grande potencial para comercializar nesta região.

Figura 11: Casa de comércio Pintada



Fonte: Do Autor, 2014.

3.5 Município de Sombrio

Entre tantas histórias sobre o nome do Município de Sombrio, Farias (2000) aponta como motivo deste nome a sombra do rio que servia de repouso para viajantes. O rio que passa pelo atual território da cidade é o Rio da Lage, neste sentido a “sombra do rio” evoluiu para Sombrio. O autor relata também que os tropeiros ao trazerem gado pelas trilhas, alimentavam suas boiadas também junto à Lagoa de Sombrio, antes de se aventurarem na subida da serra, utilizando a sombra das figueiras para repousarem.

Encontramos em Santos (2013), “Patrimônio Material Edificado de Sombrio: Memória e Identidade”, uma casa já centenária que pertence ao Senhor Servando Isoppo (Figura 12), localizada no interior de Sombrio, na localidade conhecida como Garuva. Esta residência possui três andares sendo que o primeiro é todo de pedra e há muito tempo serviu de pouso para os tropeiros que por ali passavam. No segundo andar a casa é toda de madeira e ali ficava a cozinha, sala e um quarto, o terceiro andar é bem baixo, perto do telhado e também servia de quarto.

Percebe-se que o município de Sombrio está estrategicamente situado como espaço geográfico de passagem de tropeiros e que em seu entorno ainda se encontram lugares da época em que bovinos, suínos, muars e mercadorias eram transportadas por toda esta região, interligando os municípios do litoral com os campos de cima da serra.

Figura 12: Casa Centenária de Servando Isoppo



Fonte: Do Autor, 2014.

Manuel Valerim, entrevistado aos 80 anos, em 1986, em Sombrio pelo Padre Dall’Alba (1997), relata como vivenciou nesse período em que tropeiros faziam a ligação entre o litoral e os campos de cima da serra, demonstrando como era forte o comércio na região. Manuel conta que veio para Sombrio porque corria a fama que seria um lugar melhor, já que era uma rota determinada de passagem, então seria ali o lugar para o futuro comércio da região.

3.6 Município de Timbé do Sul

Antes de denominar-se Timbé do Sul o atual município era conhecido como “Rodeio da Corticeira”, local utilizado como ponto de pouso de Tropeiros. Também chegou a ser conhecida como Rocinha e Timbé. Há uma hipótese de que o nome teria tido um erro ortográfico de “Taimbés”, que remete aos taimbés da Serra Geral.

As trilhas abertas no meio da mata com o passar do tempo foram se consolidando e deram origem as atuais estradas. Em Timbé as mercadorias eram transportadas por bruacas e suas mulas, como também por carros de bois que enfrentavam as difíceis e estreitas trilhas. Estas trilhas também foram importantes porque além do tráfego de tropeiros, serviam como via de acesso de penetração e povoamento de imigrantes, e as necessidades desses novos moradores faziam com que essas trilhas que ligavam o litoral com as serras se formassem segundo suas necessidades de locomoção e basicamente seguissem os cursos dos rios. Segundo Savi (1992, p. 15),

Os Tropeiros de cima da serra desciam pela Serra da Rocinha ou pela Serra Velha, passavam pelo Rodeio da Corticeira, seguiam por um atalho ao Rodeio da Figueira, ponto de encontro com os tropeiros que desciam pela Serra da Figueira, daí seguiam o rio da Figueira até desaguar no rio Amola Faca e ao longo deste, até a sua foz, passando pelo Rodeio da Areia, cujo topônimo certamente sugeria o caminho das Areias, região convencional do destino.

Carlos Savi, entrevistado aos 91 anos, em 1986, em Timbé do Sul pelo Padre Dall’Alba (1997) relata que seu pai, Luiz Savi, veio para Timbé do Sul em 1919, e Carlos veio para colocar casa de comércio em 1920. Escolheu este lugar porque era o encruzo onde se encontravam as estradas de tropas de duas serras, a da Rocinha e a da Figueira. Nesta região, serranos vinham passar o inverno e derrubar mato para o gado comer. Havia poucos colonos. Quando chegou só havia estrada de mula,

foi obrigado a deixar sua mudança a três quilômetros de distância e carregar tudo nas costas. Passavam muitos tropeiros, iam comprar farinha em Sombrio e Araranguá, e arroz lá para Veneza. Sua casa de comércio durou vinte anos, até 1940. O negócio era feito com colonos e tropeiros. Tropeiros chegavam de São Joaquim, Bom Jesus, Canela. Antônio Prado, tropas vinham carregadas de vinho, chamavam de “Vinho Salvador”.

Embora, não tenha sido registrado nenhum vestígio material, além das trilhas em Timbé do Sul é provável que existam outros materiais. Contudo, pelos depoimentos fica evidente que foi uma região muito disputada pelos tropeiros, suas rotas de acesso possibilitaram a realização comercial com as regiões próximas ao litoral como também acesso aos Campos de Cima da Serra.

4 Considerações finais

Com a descrição dos patrimônios percebeu-se que não importa o quanto a sociedade se modifique e caminhe em direção ao contemporâneo, as raízes, a história, a memória, a sensação de pertencimento, são humanidades necessárias para entender regiões, paisagens e pessoas. Ao investigar os espaços relacionados aos caminhos dos tropeiros e seus bens materiais remanescentes nos municípios que compreendem a região do Extremo Sul Catarinense foi possível reconhecer o quanto esta atividade foi fundamental para influenciar a formação do território destes municípios que abrangem parte do estado de Santa Catarina.

A maioria dos dados em relação ao tropeirismo foi encontrada no município de Jacinto Machado. Com a literatura e o trabalho de campo, juntamente com as entrevistas, possibilitaram encontrar os locais de origem que identificam os pontos de passagem das tropas pelos 25 municípios estudados, mesmo que com o passar do tempo alguns desses não existam mais fisicamente. Mas estão registrados na literatura e na memória da comunidade local, que os aponta espontaneamente como vestígios do movimento dos tropeiros.

Desse modo, este trabalho da visibilidade ao patrimônio cultural edificado remanescente deste período. Legitima a ação que o tropeirismo teve nos municípios que fazem parte desta região do estado. E certifica que os bens culturais ligados a esta atividade são de suma importância para a memória e a identidade dos moradores, mesmo aquelas que não são reconhecidas pela legislação, e pela própria comunidade. Assim, acabam por contribuir para elaboração e melhoramento de políticas públicas bem como para o desenvolvimento de futuras pesquisas que poderão contribuir para a preservação e conservação deste patrimônio.

Referências

- ALMEIDA, Aluísio de. **Vida e Morte do Tropeiro**. São Paulo: Martins, 1971.
- BAUMAN, Zygmunt. **Danos Colaterais**: desigualdades sociais numa era global; tradução Carlos Alberto Medeiros. – Rio de Janeiro: Zahar, 2013.
- BERMAN, Marshall. **Tudo que é sólido desmancha no ar**. São Paulo: Companhia das Letras, 1986.

- CAMPOS, J. B et al. Arqueologia Entre Rios: do Urussanga ao Mampituba. Registros arqueológicos pré-históricos no extremo sul catarinense. **Cadernos do LEPAARQ**, v. 10, n. 20, p. 9-40, 2013.
- CORVINO, Renata. **A Influência do Tropeirismo na Formação de Praia Grande**. Monografia (Graduação em História) – Universidade do Extremo Sul Catarinense, Criciúma/SC, 2005.
- DALL’ALBA, João Leonir. **Histórias do Grande Araranguá**. Araranguá/SC: Gráfica Orion Editora, 1997.
- FARIAS, Vilson Francisco de. **Sombrio: 85 Anos: natureza, história e cultura: para o ensino fundamental**. Sombrio: Ed. do Autor, 2000.
- HOBOLD, Paulo. **A História de Araranguá**. Complementada e atualizada por Alexandre Rocha. Araranguá: [s. n.], 2005.
- RUSCHEL, Ruy Ruben. **Torres tem História**. Porto Alegre: Ed. EST, 2004.
- SANTOS, Taise Correa dos. **Patrimônio Edificado de Sombrio: memória e Identidade**. 2013. Monografia (Graduação em História) – Universidade do Extremo Sul Catarinense, Criciúma/SC, 2013.
- SAVI, Hilário. **Timbé do Sul: Um pouco de sua história**. Florianópolis: Paralelo 27, 1992.
- ZILLI, Edson. **Caminhos das tropas no Extremo Sul Catarinense: memória e patrimônio**. 2014. 67 f. TCC (Graduação) - Curso de História, Universidade do Extremo Sul Catarinense, Criciúma, 2014. Disponível em: <repositorio.unesc.net/handle/1/2997>. Acesso em: 28 nov. 2019.
- ZILLI, Edson et al. Memória e Patrimônio: Caminhos das tropas no extremo sul catarinense. In: **Patrimônio Cultural, direito e meio ambiente: Perspectivas sobre diversidades, cultura e memória**. CAMPOS, Juliano Bitencourt et al. (Org.) – Curitiba: Multideia, 2016.

Artigo enviado em: 29/10/2019. Aprovado em: 06/04/2020.